

# PIM-PAM-PUM!

DIRECTOR  
AUGUSTO DE SANTA-RITA

ANO XIII  
N.º 671



## PROCESSO ENGENHOSO

Por VIRGÍNIA LOPES DE MENDONÇA

**A** tabernória da tia Brigida, tinha fama na vila pelas suas belas petisqueiras. Aos domingos, à saída do mercado, não havia layrador dos arredores que ali não abancasse.

Patos no forno e guisados de frangos, eram pratos obrigados que todos reclamavam como o mais saboroso pitêu.

Para os cozinhar, a taberneira certamente necessitava duma data de criação, porque os fregueses gozavam de bom apetite e a comida, regada com fresco vinho verde, desaparecia a olhos vistos.

Ora, todos sabiam que a tia Brigida, a-pesar do seu corpanzil e modos autoritários, que intimidavam o mais valente, tinha a fraqueza de nunca, na sua vida, ter metido a faca no pescoço dum franganito!

— «É o nervoso que me dá!... Não sou capaz de matar a bicharia da minha capoeira!» — Assim dizia e apregoava.

Por que processo conseguia ela, então, tanto frango e tanto pato para os cozinhados dos domingos?!

Isto lhe perguntavam, cheios de curiosidade.

Mas a tia Brigida disfarçava, mudando de assunto, e o caso dava que pensar e era discutido como mistério que ainda ninguém desvendara.

Uma das frequentadoras da taberna, a comadre Domingas, curiosa e bisbilhoteira, andava tão intrigada que jurou aos seus deuses pôr a história a claro.

Sempre que passava ali, a meio da semana, via a capoeira recheadinha de criação que, ao domingo, a taberneira servia aos seus fregueses, cozinhada a capricho.

E aquilo, já se vê, fazia-lhe espécie!...

Vai, um belo dia, tirou-se dos seus cuidados e pôs-se de atalaia.

Os bichos não podiam ficar mortos durante muito tempo, está bem de ver!

E foi num sábado, logo de manhãzinha, que, por atalhos e barrancos, para não ser vista, a mulherzinha chegou à taberna, que ficava numa volta da estrada.

A passagem para a cidade fazia-se por ali, de forma que os automóveis, camiões, bicicletas e outros meios de transporte, sucediam-se quasi sem interrupção.

(Continua na página 3)



# INFÂNCIA TERRÍVEL

POR DÁLIA MARIA

**E**U conheço um pequenito,  
Muito travêso, o Ruizito,  
Guloso dos mais famosos.  
Trás sempre os bolsos chei-  
nhos  
De bombons, passas, bolinhos,  
Ou caramelos gostosos.

Um dia tinha um saqueto  
De amêndoas de várias côres,  
Azuis, côr de rosa, brancas,  
Dessas que têm licôres.  
E, desejando ir brincar,

Sem temer que outro garoto  
Lh'as fôsse surripiar;  
(Tem às vezes uns repentes!)  
Lembrou-se da avô vèlhinha.  
— «A avôzinha não tem den-  
tes?»  
Olhe cá bem para mim!»

— «Não tenho, não, meu netinho,  
tive, mas já os perdi!»  
— «Então, guarde estas amên-  
doas  
Que eu vou brincar p'ró jardim!»



# A HISTÓRIA DA AVÓZINHA

Por MARIA ISABEL ZAPICO

— «Ouve, Joãozinho. Amanhã vais começar a frequentar a Escola. Lá ensinar-te-ão coisas até aqui completamente desconhecidas para ti. Os teus poucos anos não permitiam que sobrecarregássemos a tua cabecinha com ensinamentos que depressa esquecerias. Agora, porém, já tens quasi sete anos; é tempo de iniciares a tua instrução. Na Escola aprenderás a lêr, a escrever, a raciocinar; estudarás a nossa tão linda História, de que já sabes algumas passagens. Depois irás para o Liceu onde os assuntos são mais vastos e, final-

mente, dedicar-te-hás à carreira que escolheres. A princípio tudo é fácil mas lembra-te sempre de que estas coisas fáceis constituem as bases, os alicerces do que mais tarde hás-de estudar. Ora sem alicerces não há edifícios e a Instrução é um grande edifício que precisa de bases sólidas. Por isso te digo: — aplica-te ao estudo desde o começo, estuda sempre muito para dares alegria à tua família e para te fazeres um homem.»

— «Mas,

Avôzinho — interrompeu João — eu pensava que só os que não eram ricos precisavam de estudar...»

— «Não, meu tontinho — continuou o Avô com um sorriso e passando a mão enrugada pela cabeça do neto. — Todos os que possam, o devem fazer. E ao curso que teu pai tirou, deves o dizeres que és rico.»

— «O quê? Então, nós não fomos sempre ricos?!» — exclamou o pequenito com uma carinha muito admirada.

— «Pois não, Joãozinho. Eu era pobre, mesmo muito pobre... Mas isto é uma história que só mais tarde te contarei.»

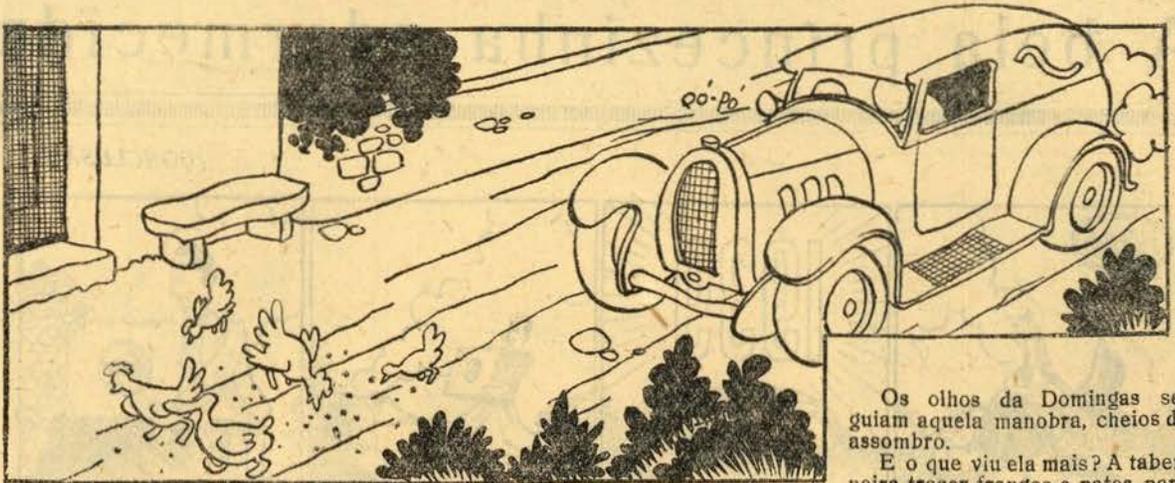
— «Avôzinho... conte... É uma história e eu gosto tanto de histórias...»

— «Então, escuta. Vou contar-ta, porque talvez dela tires algum proveito. Mas, primeiro, senta-te.»

Joãozinho correu a buscar um banquinho e, sentado com as mãos apoiadas no braço da poltrona em que o Avô se encontrava, esperou que ele começasse.

— «Eu vivia na companhia de minha mãezinha. Meu pai morrera soterrado numas obras de escavações, tinha eu 5 anos. Minha mãe, que era costureira, passou a trabalhar em várias casas desde manhã até à noite. Contudo, o trabalho nem sempre abundava e havia semanas em que minha mãe não ganhava um centavo. Começou, então, a vender algumas coisas; hoje era a cômoda, no outro dia os fatos do meu pai; depois seguiu-se-lhes o resto, ficando apenas reduzidos a uma





Os olhos da Domingas seguiam aquela manobra, cheios de assombro.  
E o que viu ela mais? A taberneira trazer frangos e patos para ali.

## PROCESSO ENGENHOSO

(Continuação da página 1)



A comadre Domingas escondeu-se, muito bem escondidinha atrás do tronco dum carvalho possante e dali se pôs a espreitar o que se passava na taberna.

Cêrca do meio-dia, a Brígida, com uma alcofa na mão, veio para o meio da estrada e desatou a deitar milho no chão.

Os bichos batiam as asas satisfeitos e deitavam-se ao milho com tôda a gana.

Da porta, a Brígida guardava-os e assim que ouvia algum automóvel ou camião, em lugar de enxotar a criação para os lados, se algum dos bichos se tinha afastado, ela fazia-o voltar para o sítio do milho.

A criação, que naturalmente estava esfaimada, não dava pelos carros que apareciam, de repente, na volta da estrada.

E quando êstes passavam, em carreira desenfreada, deixavam sempre uma data de franganitos e patos mortos. Logo, a Brígida os levava para os depenar.

Assim, por êste processo engenhoso, à tardinha, já havia criação suficiente para as petisqueiras do dia seguinte.

A comadre Domingas muito riu e fez rir tôda a gente da aldeia, ao contar-lhes o segrêdo da esperta taberneira.



*Sim*

cama, uma mêsca, dois bancos e alguma louça.

Aos 6 anos já eu fazia mandados, nalgumas casas vizinhas, a trôco do comer e duns miseros cobres que se gastavam nos dias em que minha mãe não ia coser.

Teria eu 10 anos quando, numa noite fria de inverno, ao recolher a casa, encontrei no portal uma garotinha que tremia com frio. Perguntei-lhe porque não ia para casa; disse-me que não tinha, que andava, de porta em porta, pedindo esmola para se alimentar, pois já não tinha pais. Comovi-me; fi-la entrar comigo e, com as lágrimas nos olhos, pedi a minha mãe que a deixasse ficar a viver connosco. Concordeu; disse que o dinheiro que ganhavamos havia de chegar para darmos de comer à pequena Rosália.

Hora bendita aquela em que a recolhemos em nossa casa!

Uma senhora, comovida com o nosso proceder, — pois sendo pobres não hesitámos em recolher uma pobre como nós, — tomou-nos à sua protecção. Dava-nos a alimentação, arranjou mais casas onde minha mãe fôsse trabalhar e a mim enviou-me para uma oficina. Tornei-me um bom operário, ganhando bastante dinheiro. Conseguimos refazer a nossa casa, que Rosália arranjava com todo o cuidado, enquanto eu e minha mãe andávamos no trabalho. Mais tarde casei com Rosália, a tua Avózinha, e, já então minha mãe tinha morrido, nasceu teu pai. Mandeí-o para a Escola, fiz dêle um advogado. Como sempre obtive altas classificações, fácil lhe foi arranjar clientela.

Como vês, foi à custa de muitos esforços, de muito estudo, que teu pai proporcionou uma velhice sossegada a mim e a tua Avó, e uma entrada risonha na vida a ti, meu neto. O avózinho calara-se e o silêncio reinou na sala. Joãozinho parecia entregue a grandes pensamentos. Por fim, exclamou:

— «Eu vou estudar muito, Avózinho! Eu quero vir a ser advogado como o papá!...

*FIM*

# A bela príncезinha adormecida

(CONCLUSÃO)



25 - Num lindo dia de sol do ano de 1814, George Stephenson montou o seu engenho. Apitandovitoriosamente, a máquina avançou, deixando atrás de si grossos róis de fumo branco. O choque com as roseiras foi tremendo. E durante muito tempo, se falou daquela catástrofe em que o inventor quasi perdera a vida, nada conseguindo.



26 - Multos anos passaram sobre o castelo. O encantamento continuava. Só no ano de 1939 um carro moderno, de linhas super-aero dynamical, parou em frente do denso roseiral.



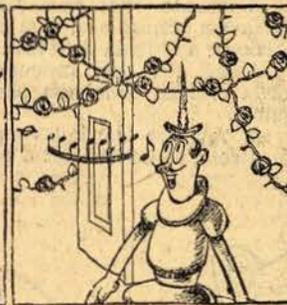
27 - Um rapaz alto, gymnasticado, desceu do automóvel e dele tirou uma larga caixa que colocou junto das roseiras mais próximas. Tirou-lhe a tampa e surgiu um maravilhoso aparelho Philips, o qual não tardou que transmitisse a mais deliciosa música deste mundo.



28 - O jovem esperava os resultados. A música crescia de volume e de beleza. Era uma das melhores orquestras de «jazz» que até então se tinha ouvido. E as suas notas penetravam no castelo, percorrendo todas as salas, todos os recantos...



29 - As roseiras desentrelaçavam-se a passagem das melodiosas notas. E o castelo começava a despertar dum sono que parecia eterno...



30 - Como por encanto, as janelas abriram-se de par em par. Lá dentro, nobres e criados esfregavam os olhos, despertados pela música, e dirigiam-se para as janelas, ansiosos por ver a luz do dia e ouvir tamanha maravilha musical.



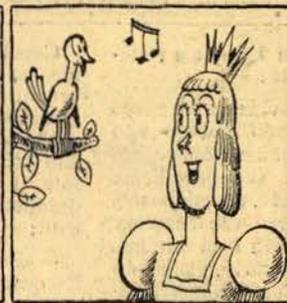
31 - Todos se levantaram. Na cozinha Li-kwang-To e o seu ajudante sorriam de satisfação. Nunca tinham ouvido música tão linda.



32 - O próprio Rei, que havia adormecido no seu trono, esqueceu-se de todo o protocolo e correu, também, para a janela. A música era deliciosa! Que acordar tão maravilhoso!



33 - O rapaz, ainda no jardim, viu o Rei e saudou-o, alegremente. Todas as janelas se encheram de pessoas, num ar festivo.



34 - Em dado momento, perto dele, surgiu a princesa Bela Adormecida, que tinha mergulhado num sono profundo, mesmo ali no jardim. Os passaros começaram a chilrear e inclaram: os graciosos vôos em volta da linda menina.



35 - A príncезinha, elegantemente, seguida pelas pequeninas aves, tomou a direcção do castelo. Subiu os degraus da entrada privada, nunca perdendo de vista o rapaz que a tinha «desencantado» com música tão deliciosa.



36 - Bela Adormecida estava, agora, junto de seu pai. O moço fascinava-a. Era helb e distinto. E, depois, aquela maravilha que trouxera e que transmitia música tão pura, tão encantadora, atraía-a.

Ver continuação na 5.ª página

# ENCONTRAÍ RIMAS e FIXAÍ CONCEITOS

Por JOSINO AMADO



Quando não pode, a formiga  
Pede ajuda às companheiras.  
Agarram tôdas a esp...  
E levam-na, prezent....!

Das formigas operosas  
Imitai social instinto,  
Assim cobrireis de r...  
Da vida o negro rec....!



Honra dos mais, sacrossanta,  
Sempre na vida respeita-a,  
Maldita seja a garg...  
Que em sujá-la se del....!

Que a má língua venenosa,  
Que a calúnia traiçoeira,  
A vossa bôca form...  
Não transforme em estrum....!



Quando um justo perseguido,  
Te procure em fria noite,  
E' bom que, compadec...  
Lhe dês aonde se acoi...!

Não podendo dar-lhe ajudas,  
Nunca sereis denunciante:  
Olhai que os beijos de J...  
São estigmas infam....!

# A BELA PRINCEZINHA ADORMECIDA

—(Continuado da página 4)—



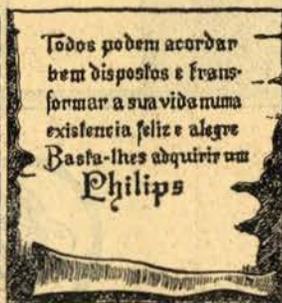
37 — A princesa resolveu, então, ir ao seu encontro. Surgiu ao alto da majestosa escadaria principal e, à medida que descia, a perfumada passadeira de rosas abriu-se, como por milagre, para a deixar passar.



38 — O rapaz sentia-se feliz e a princesa também. Ante a satisfação do Rei e das outras pessoas, ambos se abraçaram e deram um beijo terno de amor.



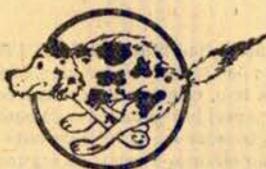
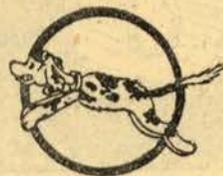
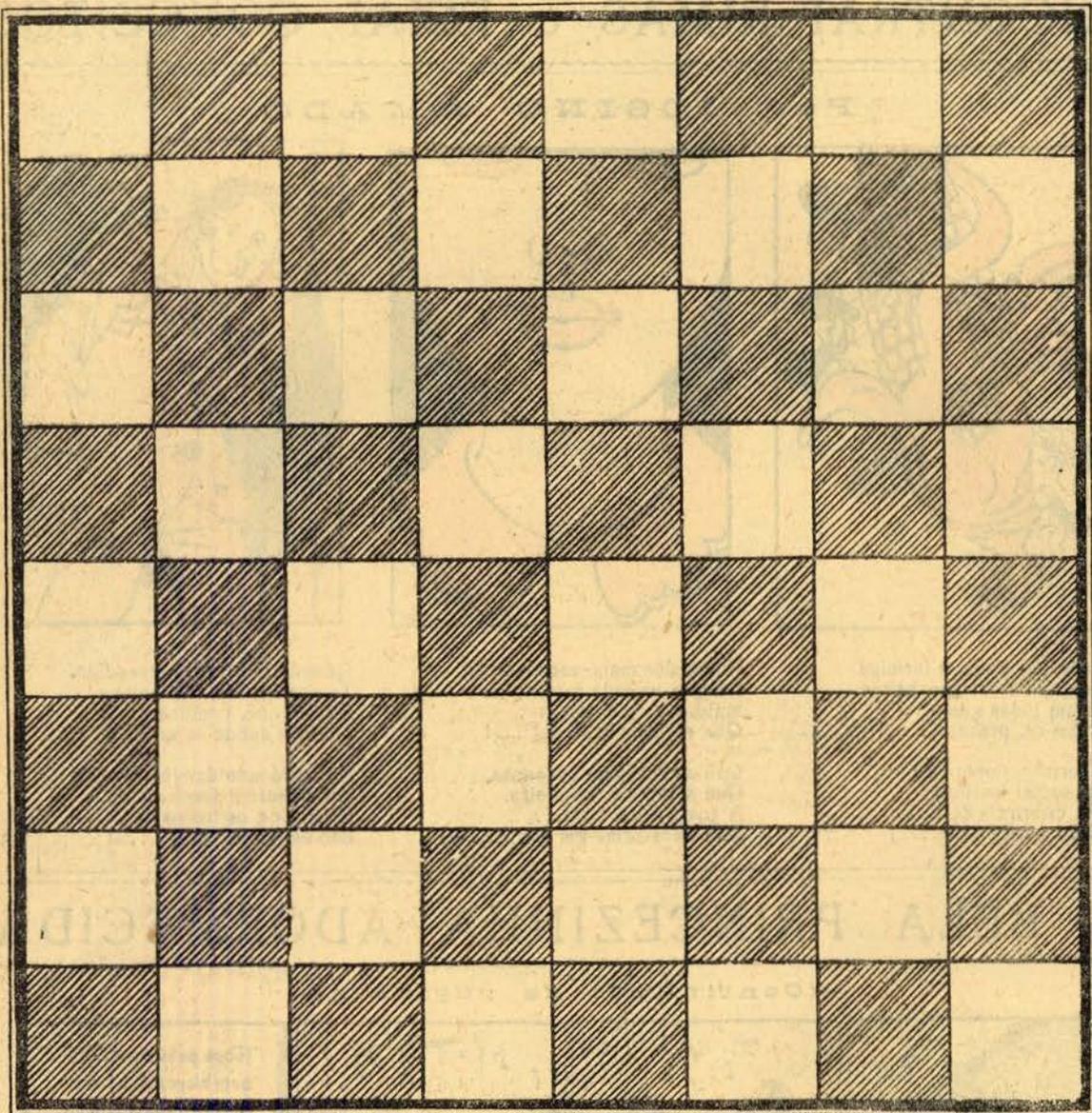
39 — Casaram-se, vivem felizes e nunca mais se esqueceram que deviam a sua felicidade a um magnífico Philips, o aparelho superior a tôdas as magias, porque é verdadeiro e real como a própria vida,



Todos podem acordar bem dispostos e transformar a sua vida numa existência feliz e alegre. Basta-lhes adquirir um Philips

40 — E se o velho e sábio Rei da Bergengória pudesse ler estas linhas, passaria, decerto, a sua mão pela venerável cabeça, dizendo: — Não há dúvida! porque é verdadeiro e real como é uma grande verdade!

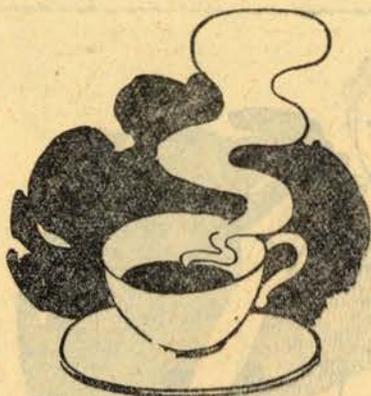
Recortar na 3.ª página deste jornal um cupão que habilita cada menino a um esplêndido aparelho Rádio-Philips. **O CONCURSO DA BELA PRINCEZINHA ADORMECIDA**—Como se sabe, *Pim-Pam-Pum* oferece aos seus leitorzinhos de Lisboa e das províncias um concurso que servirá para provar as qualidades artísticas dos pequeninos concorrentes. Basta, para isso, colorir cada um dos bonequinhos da *Bela Princesinha Adormecida*, conto cuja publicação hoje se conclue. O menino concorrente, juntando todos os bonecos do conto, fará uma encadernação para os desenhos. Os três meninos que melhor tiverem colorido os bonecos e que tiverem feito a mais linda encadernação, receberão um lindo prémio. A entrega dos cadernos nestas condições faz-se no «Século» a partir de segunda-feira próxima até o dia 22 inclusiv, recebendo o concorrente, em troca, uma senha numerada. Os concorrentes de fora de Lisboa podem enviar os seus cadernos pelo correio, incluindo uma estampilha de 40 centavos para a remessa da senha. No envelope devem escrever: Redacção do «Pim-Pam-Pum» — Concurso da *Bela Princesinha Adormecida*.



OS cães  
e o coelho  
UM JÓGO DESENHADO  
POR  
**ruy manso**

Vêr instruções na página 7

# CURIOSIDADES PASSATEMPO



## A ORIGEM DO CAFÉ

Quantas pessoas, nos nossos dias, não podem passar sem a sua chávena de café. E, no entanto, o uso desta bebida é relativamente recente.

As primeiras casas onde se bebeu café, datam somente do século XVII. Foram abertas na Holanda e na Itália.

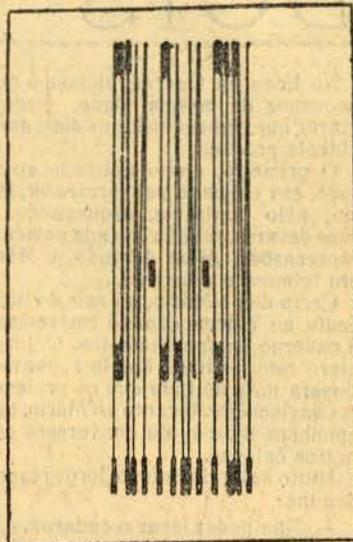
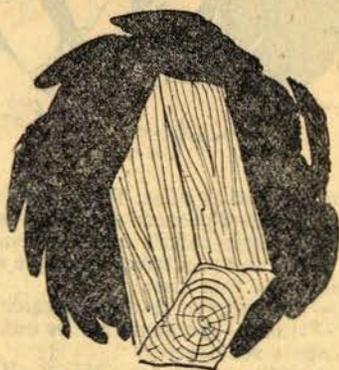
Albert de Mandeslab, que visitou estes países em 1687, cita, como curiosidade, uma água escura, a que os persas chamavam kahwé e cujo gosto era absolutamente detestável.

Elisabeth d'Orléans, numa carta que escreveu em 1712, declara horrível esta bebida «que, como o chá, tem um sabor a feno queimado.»

No meio do século XV um sábio árabe compôs uma bebida que mais tarde se chamou café e fez plantações no país de Moka. Depois, em 1690, um holandês, dessas plantações, colheu um pé de cafézeiro que levou para Java onde o transplantou. Em 1727 os franceses apropriaram-se das plantas de Java que trouxeram para Martinique; de lá o café passou para o Brasil, do qual fez a fortuna.

## A POLPA DA MADEIRA

Um pedaço de madeira com 5 cm. de altura, 7 de largura e 10 de comprimento, produz a polpa suficiente para fabricar o papel que seria necessário para publicar 6 jornais de tamanho normal, com 6 páginas.



Assim, à primeira vista, não se sabe o que é, mas, se reparardes com muita atenção, vereis, imediatamente, o nome de uma coisa, à qual certamente muito quereis.

## OS CÃES E O COELHO

(Jogo que publicamos na pág. 6)

Amiguinhos:

Colem, em cartão bastante forte, todas as peças do nosso jogo; deixem secar bem e recortem com cuidado as rodinhas, que poderão colorir caprichosamente.

### Regras do jogo

Os quatro cães são colocados em quatro dos quadrados escuros e o coelho em qualquer quadrado (também dos escuros) do lado oposto.

Os cães têm em vista não deixar que o coelho passe a barreira por eles formada e este, evidentemente, tentar a passagem.

Os jogadores jogam alternadamente. O coelho pode avançar e recuar; os cães só podem avançar.

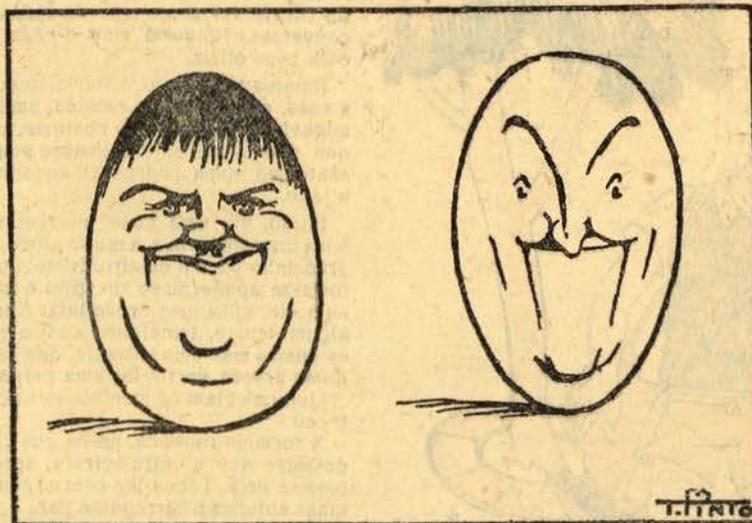
Joguem somente pelos quadrados escuros.

## Concursos quinzenais de poesias e contos infantis

Foram classificados com menção honrosa o conto que publicamos no nosso último número intitulado: — «Quem tudo quere...» de Carlos Amor e os contos: — «A história da Avózinha» que publicamos hoje, e «Dois pequenos cow-boys» de José de Oliveira, que sairá brevemente.

No próximo número publicaremos uma nova modalidade destes concursos que constituem um estímulo à vocação literária dos nossos amiguinhos.

## S E M P R E - E M - P E



Leitorzinhos: — quereis fazer um brinquedo muito interessante e, também, muito económico, um «Sempre-em-pé»?

Vamos a isso:

Esvaziem um ovo, fazendo-lhe dois orifícios, um de cada lado. Soprem por um deles até o conteúdo do ovo sair todo pelo outro. Lavem a seguir o ovo muito bem e introduzam-lhe um bocado de chumbo em grãos muito pequeninos. Deitem-lhe, depois, também, uns pedacinhos de cêra e, conservando o ovo em posição vertical, ponham-no sobre uma chama. A cêra derreter-se-há e fixará o chumbo ao fundo. Deixem esfriar e, em seguida, pintem na casca uma cara cómica. Tapem, também, os furos com cêra e, com isto, fica pronto o reinadio e frágil «Sempre-em-pé.»

